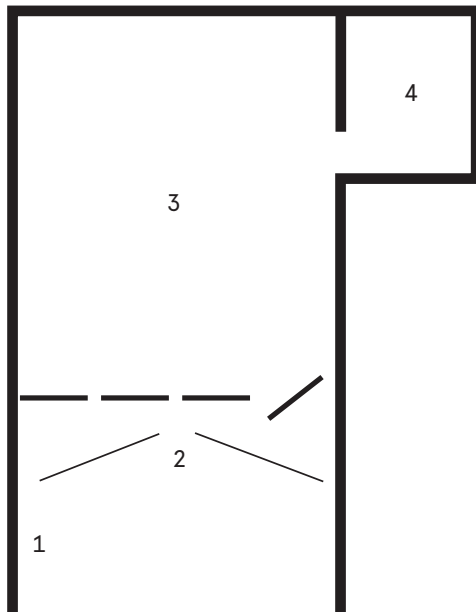


EXPOSIÇÃO / EXHIBITION
15 jul - 17 set

In the first place

Caroline Monnet
& Laura Ortman,
Larry Achiampong,
Linda Lamignan, Uyarakq

Curadoria / Curated by
Irene Campolmi



- 1 *Mediocre Indigenous Postcard Memes*
Uyarakq
- 2 *Pan African Flag For The Relic Travellers' Alliance*
Larry Achiampong
- 3 *Exquisite Score*
Caroline Monnet & Laura Ortman
- 4 *Water no get enemy*
Linda Lamignan

In the first place, título da edição do W&T de 2022, propõe uma reflexão sobre o que emerge e existe em primeiro lugar, repensando narrativas atuais e a posicionalidade enquanto elemento fundamental na definição de sistemas de poder, conhecimento e identidade. Ao questionar construções temporais e espaciais divergentes, e reconhecendo múltiplas vozes, presenças e posicionamentos, o programa deste ano pensa a palavra, o discurso, o som e a música enquanto formas de viajar pelo tempo e pelo espaço, propondo novas perspectivas e leituras sobre os espaços que habitamos – físicos ou metafóricos, e as relações que estabelecemos entre diferentes geografias, recursos, espécies e ideias. O tema do festival desdobra-se em vários projetos espalhados pela ilha de São Miguel.

A vaga apresenta uma exposição coletiva com obras da artista anishinaabe/francesa Caroline Monnet e da artista apache Laura Ortman, do artista ganês/britânico Larry Achiampong, do artista inuíte Uyarakq e da artista nigeriana/norueguesa Linda Lamignan.

Ao entrar no átrio da vaga, deparamo-nos com duas bandeiras dispostas em formato de seta, de Larry Achiampong. O título da obra, *Pan African Flag For The Relic Travellers' Alliance*, é parte de um projeto multidisciplinar intitulado *Relic Traveller*, que se baseia numa perspectiva pós-colonial fundamentada pela tecnologia, agência e narrativas de migração. Achiampong opta por dar foco a cores pan-africanas que exprimem simbolicamente as várias identidades diaspóricas africanas: verde, preto e vermelho, que correspondem à terra, às pessoas e às lutas que o continente enfrentou, enquanto que o dourado representa um novo dia e prosperidade. As duas bandeiras apresentadas são apenas uma seleção de uma coleção maior, onde o desenho de cada bandeira apresenta 54 estrelas que representam os 54 países africanos. Achiampong transformou estas cores Pan-Africanas em símbolos e formas sugestivas de vários elementos: comunidade, ascensão, movimento e esquadrão. Através deste trabalho, *Pan African Futurism* – nomeadamente, a ideia de unir nações africanas – não se enquadra como uma visão utópica, mas como um projeto que só pode acontecer se os abalos ocultos da história colonial ocidental forem reconhecidos.

Do mesmo modo, o trabalho de Uyarakq aborda modos de reconhecer histórias negligenciadas, criticando indiretamente a forma como o discurso pós-colonial tende a ignorar estruturas concretas de apoio e reforço dos direitos indígenas. Concebida sob a forma de postais, uma lembrança que todos possam levar para casa enquanto recordação da exposição, a obra critica a forma como os discursos pós-coloniais têm, em alguns casos, histórias e identidades adequadas para os representar.

A exposição continua no interior com duas instalações audiovisuais: *Exquisite Score* de Caroline Monnet em colaboração com Laura Ortman, e *Water no get enemy* de Linda Lamignan em colaboração com Gyeongsu, Serena Coelho e Itohan Emonvomwan.

In the first place is the title of the 2022 edition of W&T, which proposes a reflection on what emerges and exists in the first place, rethinking current narratives and positionality as a key aspect in the definition of systems of power, knowledge, and identity. Questioning divergent temporal and spatial constructions and recognizing multiple voices, presences and positions, the program thinks of word, speech, sound and music as ways of traveling through time and space, proposing new perspectives and readings about the spaces we inhabit – physical or metaphorical, and the relationships we establish between geographies, resources, different species, and ideas. The festival's theme unfolds through various projects scattered around the city of Ponta Delgada and at vaga, the headquarters of Anda&Fala – Cultural Association.

vaga presents a collective show featuring the work of Anishinaabe/French artist Caroline Monnet and apache artist Laura Ortman, Ghanian/ British artist Larry Achiampong, Inuit artist Uyarakq and Nigerian/Norwegian artist Linda Lamignan.

Entering vaga's atrium, one encounters two flags displayed in the shape of an arrow by Larry Achiampong. The title of the work, *Pan African Flag For The Relic Travellers' Alliance* is part of a multi-disciplinary project called *Relic Traveller*, which builds upon a postcolonial perspective informed by technology, agency and narratives of migration. Achiampong chooses to focus on Pan African colors that speak symbolically to various African diasporic identities: green, black, and red, which reflect the land, the people and the struggles the continent has endured, while gold represents a new day and prosperity. The two flags presented here are just samples of a larger design selection, but each flag design features 54 stars that represent the 54 countries of Africa. Achiampong has configured these Pan African colors into symbols and forms suggestive of various elements: community, ascension, motion and squadron. Through this work, *Pan African Futurism* – namely, the idea of a union of African nations – is not framed as a utopic vision but a project that can only happen if the hidden tremors of Western colonial history are acknowledged.

Uyarakq's work also addresses forms of acknowledgment of neglected histories, indirectly criticizing how postcolonial discourse tends to overlook concrete structures to support and improve Indigenous rights. Deviced in the form of postcards, a souvenir that everyone could take home as a memory of the exhibition, the work criticizes how postcolonial discourses have, in some cases, appropriate histories and identities to represent them.

The show continues inside with two audio-visual installations: *Exquisite Score* by Caroline Monnet in collaboration with Laura Ortman and *Water no get enemy* by Linda Lamignan in collaboration with Gyeongsu, Serena Coelho and Itohan Emonvomwan.

Materializando-se através de várias paisagens e locais, *Exquisite Score* resulta da correspondência que Caroline Monnet e Laura Ortmann mantiveram durante meses a partir das suas casas, em Montreal e Nova Iorque respetivamente, durante a pandemia. Através de trocas de cartas, que também incluíam imagens de projetos anteriores, gravações de áudio de objetos quotidianos, e excertos musicais explicitamente compostos para a ocasião, as duas artistas exploraram, metafórica e materialmente, a topografia do território que se estendia entre elas. Monnet utiliza as artes visuais para demonstrar um forte interesse em comunicar ideias complexas em torno da identidade indígena e da vivência bicultural através da análise de histórias culturais. Criou uma assinatura ao trabalhar com materiais industriais, combinando o vocabulário das culturas visuais populares e tradicionais com os tropos da abstração modernista para criar formas híbridas únicas.

Na última sala, encontramos a instalação *Water no get enemy*, uma colaboração entre a artista norueguesa nigeriana Linda Lamignan, a artista e videógrafa nigeriana alemã Itohan Emonvomwan, e a artista e designer Gyeongsu brasileira, Serena Coelho. O título é inspirado por uma canção Fela Kuti baseada num provérbio iorubá, um hino ao animismo – uma filosofia que acredita que todas as coisas na natureza estão vivas e animadas e são, portanto, capazes de influenciar o ser humano em várias formas. Tendo em conta esta perspetiva animista, Lamignan dá atenção ao ananás, um fruto cultivado nas Ilhas dos Açores, particularmente em São Miguel, para explorar a sua história enquanto uma planta nativa originalmente exportada do Brasil pelos portugueses durante o período colonial, e importada para os Açores e Nigéria, onde também se tornou uma forte parte da indústria de exportação. Recolhido como uma raridade, arrancado do solo nativo e transportado para uma terra estranha, para alguns o ananás tornou-se um sinal de riqueza da Europa de elite e rica, e para outros um símbolo de dominação colonial e apropriação de identidade. *Water no get enemy* pretende repensar o seu legado colonial e capitalista através da análise de outras propriedades da planta e dos frutos.

O ananás torna-se um testemunho vivo de abuso colonial, apropriação, apagamento e recontextualização, ao ser extrapolado a partir do seu território nativo brasileiro, onde o fruto é endémico (de onde veio em primeiro lugar). As viagens e histórias encarnadas pelo fruto através do seu percurso transatlântico, tornam-se ainda uma oportunidade de criar um mapa das biografias e histórias pessoais das artistas. Da Nigéria ao Brasil, encontram nos Açores um ponto de encontro e ligação a partir do qual recontam um outro lado da história, eliminando limites entre realidade e reflexão, e afastando-se de uma narração linear. Cruzando projeções e luz, enche-se o espaço com fragmentos de memória, emoção e imaginação. Alterando superfícies com luz colorida e uma sensação de profundidade. Uma forma de transformar o espaço e, por sua vez, de nos transformarmos a nós próprios.

Taking place across various landscapes and locations, *Exquisite Score* is the result of a correspondence that Caroline Monnet and Laura Ortmann maintained for months from their respective homes in Montreal and New York during the pandemic. Through exchanges of letters, which also included images drawn from previous projects, audio recordings of everyday objects, and musical excerpts explicitly composed for the occasion, the two artists explored, metaphorically and materially, the topography of the land that stretched out between them. Monnet uses visual and media arts to demonstrate a keen interest in communicating complex ideas around Indigenous identity and bicultural living through examining cultural histories. She has made a signature for working with industrial materials, combining the vocabulary of popular and traditional visual cultures with the tropes of modernist abstraction to create unique hybrid forms.

In the last room, we encounter the installation *Water no get enemy*, a collaboration between Nigerian Norwegian artist Linda Lamignan, Nigerian German artist and videographer Itohan Emonvomwan, Gyeongsu and Brazilian artist and designer Serena Coelho. The title is inspired by a Fela Kuti song informed by a Yoruba proverb, a hymn on animism – a philosophy claiming that all things in nature are alive and animated and thus capable of influencing humans on many levels. Taking into account this animistic perspective, Lamignan takes a closer look to the pineapple, a fruit cultivated in the Azores Islands, in particular San Miguel, to explore its history as a native plant originally exported from Brazil during the colonial period by the Portuguese and imported into Azores and Nigeria, where it also became a strong part of the export industry. Collected as a rarity, uprooted from the native soil and transported to a strange land, for some, the pineapple became a sign of wealth for the elite and rich in Europe, and for others, a symbol of colonial domination and identity appropriation. *Water no get enemy* seeks to rethink its colonial and capitalist legacy by looking into the plant and fruits' other abilities.

The pineapple becomes a living testimony of colonial abuse, appropriation, erasure, and recontextualization by being extrapolated from its Brazilian native territory, where the fruit is endemic to the land in the first place. The travels and histories embodied by the fruit across its transatlantic journey also becomes an opportunity to create a map of the artists' biographies and personal stories. From Nigeria to Brazil, they find a point of encounter and connection in the Azores from which they retell another side of history, erasing the border between reality and reflection and moving away from linear storytelling. By weaving projections and lights in, we fill the space with fragments of memory, emotion and imagination. Altering surfaces with colored light and perceived depth. A way to transform the room and, in turn, to transform ourselves.

OUTRAS EXPOSIÇÕES/INSTALAÇÕES A VISITAR OTHER EXHIBITIONS/INSTALLATIONS ON VIEW

VAGA
In the first place
Caroline Monnet & Laura Ortmann,
Larry Achiampong, Linda Lamignan, Uyarak

CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA
DE PONTA DELGADA
Light years - Catarina Gonçalves
Jumping into existence - Cristóvão Maçarico
Telemetrics - Tiago Patatas

ARQUIPÉLAGO - CENTRO DE ARTES
CONTEMPORÂNEAS
Unity / Unidade - Estela Oliva (CLON)
& Ana Quiroga

GALERIA FONSECA MACEDO
5.A.M. - Maria Ana Vasco Costa

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO E
MONITORIZAÇÃO DAS FURNAS
Island Attunements - Matthew C. Wilson

PORTAS DO MAR / PISCINAS DO PESQUEIRO
Águas Futuras - Diogo da Cruz

ROCHA DA RELVA / ESTÚDIO 13
Cagarros Assembly - Ellie Ga